

Ora quem tal escreveu foi Manoel Faria e Sousa no tomo III da sua *Europa portuguesa*; mas este escritor, que poderia merecer algum conceito ao redactor dos Estatutos, hoje, como historiador, é uma figura desacreditada, no parecer de doutos e graves publicistas.

Provavelmente a conjectura resultou da lenda graciosa, em que na idade media foi envolvida a fundação da Basilica de Santa Maria Maior, em Roma, chamada tambem Santa Maria *ad Nives*, aliás originariamente fundada pelo papa Liberio (352-366) na basilica profana de Sicinino, que existia no monte Esquilino, e á qual segundo o parecer dos archeologos pertenciam as paredes da abside.

Como a fachada de mosaico d'este grandioso templo, onde estão representadas as scenas respeitantes ao patricio João, é do sec. XIII, presume-se que só depois d'aquella epoca começasse no nosso país a difundir-se o culto de Nossa Senhora (fig. 7), com a invocação das *Neves*, ou, como dizem em Braga, de Nossa Senhora a Branca, alludindo á alvura da mesma neve.

Para demonstrar o brilho e importancia, que a festividade de Nossa Senhora das Neves teve outr'ora em Azurara, é bastante saber-se que em 1786 foi juiz d'esta confraria o Corregedor do Porto, D. Francisco de Almada e Mendonça ¹.

E aqui encerro este meu pobre estudo, com votos muito sinceros de que estas parcelas de verdade, investigadas com amor e recolhidas com carinho, possam de algum modo servir de subsidio para uma historia nacional.

Villa do Conde, 20 de Julho de 1910.

MONSENHOR FERREIRA.

Lagares moiros

Numas excursões de character archeologico que em Setembro passado fizemos, eu, o Dr. Joaquim Pereira Jardim (da Sociedade Archeologica da Figueira) e o Dr. Manuel Reis, digno delegado de Oliveira do Hospital, grande amator, encontrámos proximo á povoação de Moreira (freguesia de Santar, concelho de Nellas) duas interessantes obras que julgamos ser preromanas.

Communicando, no meu regresso á capital, ao Sr. Dr. Leite de Vasconcellos o achado, respondeu que nada existia, por emquanto,

¹ *Documentos* da Confraria de Nossa Senhora das Neves.

que derramasse luz completa sobre o significado de taes obras, e que, em virtude de opinião que eu lhe formulava, me convidava a dar-lhe publicidade no *Archeologo Português*.

É pois com vivo prazer que o faço, na boa intenção de que estas informações possam constituir subsidios que, adicionados a tantos outros, venham servir de base a futuros juizos definitivos.

Ao revelar aos meus dilectos companheiros o meu pensamento, ambos elles foram concordes em que as obras a que me refiro muito

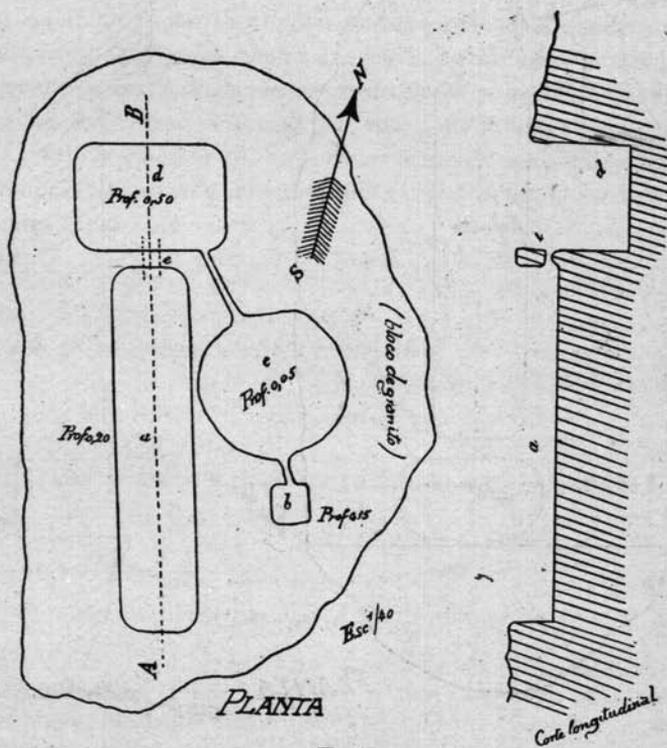


Fig. 1

bem podiam ter servido para a extracção do azeite, e isto pelos motivos seguintes—que por conservarem foros de supposição, nem por isso deixam de ser accetaveis.

Sendo sabido que o tanque ou lagariça, galgas e prensa são as tres partes de maior importancia de um lagar de azeite, podemos conjecturar que a primeira parte possa ser representada, na fig. 1 pelo tanque rectangular *a*. Nesta comprida lagariça deitar-se-hia a azei-

tona que, passando a ser calcada com pilões de pedra ou madeira, largava o óleo, que por seu turno escorria — favorecido pelo declive do fundo — para a «pia» d' sita no topo, numa direcção perpendicular ao eixo maior da lagariça e communicando com ella por um buraco rasgado na propria pedra.

Antes, porém, que esqueça, convem dizer que qualquer das obras citadas se acha aberta em blocos de granito de superficie inclinada, ora para Norte como na fig. 1, ora para Oeste, como patenteia afig. 2.

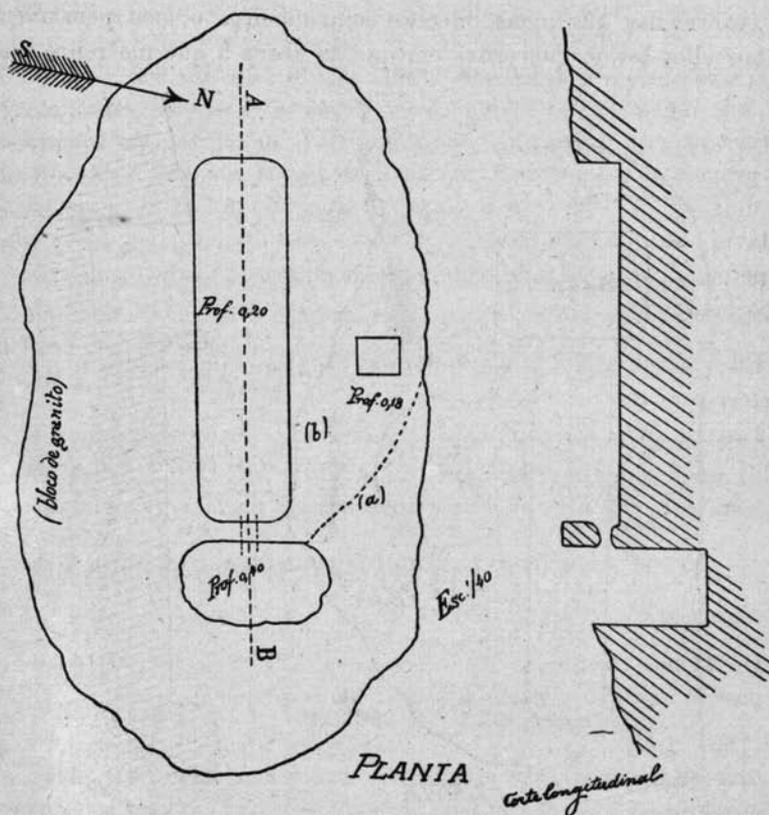


Fig. 2

As galgas dos lagares modernos teriam assim por *ascendentes* esses pilões grosseiros manejados á força de braços—o que é admiravel até certo ponto, porquanto ainda hoje nas populações do centro de Africa impera o processo de extracção dos oleos das sementes e frutos pelo emprego de almofarizes grosseiros¹.

¹ Conde de Ficalho, *Plantas uteis da Africa Portuguesa*.

A massa após a calcadela (imperfeita moedura) teria sido lançada para o tóscico prato circular *c*, e nelle como cogulada, e em seguida, premeida por pesos cilindricos de pedra. Estes, para o effeito, desempenhavam o papel que modernamente é destinado á prensa hydraulica. Depois, todo o oleo ia sendo arrastado por agua que, do pequeno reservatorio *b* e por intermedio da goteira rasgada na rocha, lavava todo o prato que se escoava para a pia, e onde o azeite sobrenadava na porção de agua ahi existente, esperando occasião de ser separado.

*

Na fig. 2, como é facil de notar, deixou de haver o prato circular. Por isso reputamos este lagar mais rudimentar, mais caseiro, permitam-nos a expressão, em contraste com o outro, que indicará talvez um proposito industrial. A massa neste, após a moenda, tanto podia ter deixado de soffrer a *pressão*, como podê-la-hia ter supportado. Todavia, neste segundo caso, o oleo escoar-se-hia por sobre a superficie da pedra *b*, aproveitando a depressão natural definida na figura pelo traço pontuado *a*.

Eis, pois, o que se nos offerece dizer em ponto hoje ainda tão mysterioso e discutivel.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1910.

Tenente M. FORTES.

Artes e industrias metallicas em Portugal¹

Moedeiros

1—Afonso (Ayres).—Moedeiro, residente no Porto. D. Afonso V. lhe passou carta de aposentadoria a 14 de março de 1441.

«Dom Afonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a Aires Afonso noso moedeiro, morador em a cidade do Porto, pollo do conde de Barcellos, meu muyto preçado e amado tio, que nollo pera elle pidio e nos disse que pasava

¹ [Este artigo, deixado inedito por Sousa Viterbo, devo-o á amabilidade de sua filha, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sofia de Sousa Viterbo, que o preparou para a imprensa, segundo apontamentos do pae, e reviu as respectivas provas typographicas. A elle se seguirão outros nas mesmas condições. Sousa Viterbo, que muitas vezes, com seus substanciosos artigos, honrou em vida *O Archeologo*, continúa assim a honrá-lo ainda *post mortem*, mercê da illustre Senhora que com tanta intelligencia e desvelo sabe manter a gloria do nome que herdou.—J. L. DE V.]

